Dia Internacional do Enfermeiro:

Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros cumpre tradição humanista

Cumprindo com uma tradição assinalável do ponto de vista humanista, a Secção Regional do Norte (SRN) da Ordem dos Enfermeiros (OE) homenageou no dia 23 de Maio os seus profissionais aposentados. A iniciativa realizou-se no âmbito das comemorações do Dia Internacional do Enfermeiro e foi presidida pelo Presidente da SRN, Jorge Cadete, contando com a presença do Bastonário da OE, Germano Couto, dos representantes dos Órgãos Regionais e Nacionais, dos cerca de 30 enfermeiros homenageados e dos seus acompanhantes.

A cerimónia iniciou-se com um momento musical da responsabilidade da fadista Cláudia Maduro que, acompanhada por dois guitarristas, encantou a plateia com a interpretação de alguns fados.

No discurso de abertura, Jorge Cadete começou por destacar que "neste dia pretendemos assinalar o legado de cada um de vocês – profissionais de Enfermagem aposentados em 2014 – nos diferentes serviços por onde passaram e nas equipas que integraram. Vão deixar saudades, disso temos a certeza absoluta. Concluíram mais uma etapa da vossa vida, mas o ser aposentado não vos retira o título profissional, o de continuarem a ser chamados de Enfermeiros".

Prosseguiu, salientando que "socialmente, continuam com responsabilidades, daí eu vos solicitar que não deixem de se dedicar à Enfermagem, e de responder ao apelo cívico de quem possa necessitar dos vossos serviços. Toda a sociedade atravessa momentos difíceis e os Enfermeiros não são insensíveis a tal cenário. Não conseguimos, nem podemos, virar a cara aos problemas que nos cercam. Sobretudo aqueles que vivenciamos permanentemente no Sistema Nacional de Saúde. Melhores dias virão, e para isso trabalhamos afincadamente na Ordem que vos representa".

O Presidente da SRN concluiu, recordando que "a nossa Ordem presta um importante contributo à sociedade, na promoção dos cuidados de Enfermagem de qualidade. Distinguimo-nos por essa função, assim como pela regulamentação e pelo controlo do exercício da profissão de enfermeiro, assegurando a observância das regras de ética e deontologia profissional".

Jorge Cadete

Por sua vez, o enfermeiro Germano Couto, Bastonário da OE, iniciou a sua intervenção destacando que esta homenagem é justa e merecida e retrata de forma simbólica aquilo que os enfermeiros agora aposentados fizeram pelas pessoas e pelo Serviço Nacional de Saúde. "Ser enfermeiro não é fácil e exige uma entrega total que nem sempre é reconhecida, mas não é isso que nos vai deixar de dar o alento para continuar" recordou. Aproveitou o momento para anunciar a concretização de um sonho antigo da Ordem dos Enfermeiros, a possibilidade de os agora aposentados poderem usufruir de um desconto de um terço na quota de associado ou ficarem isentos se deixarem de exercer. "Uma iniciativa que reconhece que vos queremos próximos. Vocês são o farol para a juventude. Não existe Enfermagem sem um passado de alicerces fortes. Os mais jovens profissionais aprendem com a partilha de conhecimentos", afirmou. O Bastonário da OE terminou citando Charles Chaplin, com o poema "Tua caminhada ainda não terminou".

A sessão incluiu a tradicional entrega do certificado e lembrança a todos os aposentados. Jorge Miranda, membro da SRN e um dos homenageados, fez questão de realçar o orgulho que sente em fazer parte da OE há dois mandatos e agradecer o reconhecimento desta cerimónia revivendo que "dedicamos uma vida enquanto profissionais de Enfermagem".

A recepção terminou com um almoço servido no jardim das instalações da Secção Regional do Norte. Durante o evento, Dependências entrevistou Jorge Cadete.

Num país tradicionalmente vocacionado a prestar homenagens a título póstumo, a Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros dá aqui um exemplo no que concerne ao reconhecimento de carreiras e serviços prestados…

Jorge Cadete (JC) – Sim, esta iniciativa já vem do mandato anterior e mantivemo-la neste mandato. É uma iniciativa que muito nos honra e orgulha porque, em tempo útil, acabamos por ter uma comemoração e um reconhecimento a um percurso de colegas, que exerceram durante 35, 36 ou 37 anos. À Ordem cabe, no final deste percurso profissional, dar o devido reconhecimento e valor e um reforço para outras etapas da vida destes profissionais.

Existe continuidade para eles?

JC – Claro que existe! Daí que tenha pedido a estes colegas que não se privem de continuar a serem cuidadores. São pessoas com percurso, têm saberes e, por isso, mais do que ninguém, são

pessoas úteis para darem continuidade àquilo que muito bem fizeram durante o seu percurso profissional. E os doentes e utentes bem necessitam da experiência destes profissionais.

Estes profissionais encerram um ciclo, outros iniciam-se actualmente… Como está a ser feita a renovação da classe?

JC – Gostaria que outros iniciassem e que estas vagas deixadas por estes colegas fossem imediatamente ocupadas por esses novos licenciados. Infelizmente, face à conjuntura actual, esses lugares vagos não estão a ser devidamente preenchidos, o que vem deficitar os serviços em termos de recursos, sobrecarregar com muito mais horas e utentes os enfermeiros em exercício, colocando em risco a qualidade e segurança dos cuidados.

Mais ainda numa altura em que as tarefas e competências dos enfermeiros são cada vez mais alargadas…

JC – Sim, porque hoje as necessidades e respostas de saúde são outras. Os utentes estão mais informados, estão a ser mais exigentes e temos que estar preparados para estas novas respostas. Daí estas maiores exigências necessitarem também de mais recursos, valorizados e qualificados.

É justo reconhecer que não tem por hábito entrar em conflitualidades fúteis com outras classes profissionais mas é elementar questioná-lo se já equaciona alguma abertura por parte dos médicos para que alguns actos sejam delegados, de forma pragmática, aos enfermeiros, reforçando e reconhecendo algumas competências…

JC – Entendo a questão, que remete para alguma dificuldade que os médicos têm tido em ver nos enfermeiros relativamente a esse reforço e reconhecimento de competências. Os enfermeiros, pela sua formação científica, técnica e humana, são profissionais da saúde que dão respostas de complementaridade e de continuidade após um diagnóstico. Percebemos que esta parte do diagnóstico e da prescrição terapêutica compete a quem tem mais conhecimento nessas vertentes, ou seja, aos médicos mas, na continuidade, nomeadamente a montante, temos uma área relacionada com a prevenção das doenças e a promoção da saúde que diz muito aos enfermeiros e que é normalmente prescindida pelos médicos. Depois, após o diagnóstico e a prescrição do médico, quer farmacológica quer cirúrgica, toda essa continuidade tem sido bem assegurada pelos enfermeiros. Daí que, pelo facto de os médicos estarem basicamente ligados a três actos importantes, não queiram depois perder esta exclusividade. Contudo, posso dizer que os enfermeiros já prescrevem. Após diagnóstico, fazem a identificação de necessidades de enfermagem e prescrevem. Agora, gostaríamos que, nalgumas áreas, essa prescrição fosse devidamente comparticipada pelo Serviço Nacional de Saúde.

Numa triagem como a de Manchester, o enfermeiro já desempenha um acto muito semelhante a um diagnóstico…

JC – Sim, com estes problemas que se verificaram em torno das triagens, dos serviços de urgência, com os agravamentos dos doentes na espera de serem observados pelos médicos, foi dada a permissão, dentro de um determinado protocolo, de os enfermeiros, dentro da triagem, poderem já prescrever e indicar exames complementares e um determinado tipo de carteira de análises, o que corresponde a um reconhecimento de que os enfermeiros estão balizados para avançarem com estas intervenções.

Muitas pessoas não estarão tão atentas ao fenómeno mas, se recordarmos contextos como teatros de guerra ou grandes catástrofes, constatamos que os enfermeiros surgem na primeira linha e, aí, nem sequer se discute a competência ou direito para prescreverem…

JC – Quando falamos na área da saúde, os profissionais que saltam imediatamente para a primeira linha são os enfermeiros. É o profissional que facilmente se adapta a vários cenários e então em catástrofes ou cenários de guerra os enfermeiros são as pessoas que estão quer na retaguarda, quer no acompanhamento e reforço positivo, sobretudo na vertente psíquica e psicológica, a quem ali se encontra. Quer sob o ponto de vista físico, orgânico, que da relação de ajuda, é muito importante a forma como os enfermeiros intervêm.

Vemos muita gente nesta cerimónia realizada numa manhã soalheira de sábado… Em que medida esta adesão traduzirá coesão no seio da Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros?

JC – Sim, uma das nossas estratégias prioritárias no seio deste mandato consistiu em aproximar a Ordem dos Enfermeiros e, em particular, a Secção Regional do Norte, dos enfermeiros e dos cidadãos. Procuramos, durante este mandato, acompanhar de perto os enfermeiros no contexto do seu exercício profissional. Sentimo-lo como uma missão cumprida porque temos estado ao lado dos enfermeiros, temos identificado dificuldades de condições para o exercício profissional destes enfermeiros, temos feito ver a quem de direito essas dificuldades e, a esse nível, estamos de consciência tranquila relativamente ao trabalho feito.